REVUE DES REVUES

Áfro-Asia, 2005, 32, Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) / Universidade Federal de Bahia UFB, Luis Nicolau Parés, Renato da Silveira & Valdemir Zamparoni (eds), 320 p., ISSN : 0002-0591.

Resenhar revistas não é tarefa fácil : uma certa dispersão temática somada a uma possível e mesmo desejável pluralidade de abordagens torna incerto o resultado de qualquer tentativa de generalização. Daí a minha preocupação ao, tentativamente, resenhar o número 32, de *Áfro-Ásia*, editado em 2005.

O que talvez possa sintetizar o número seria a presença, na maior parte dos artigos, de um trabalho analítico voltado para o estudo minucioso de casos singulares, capazes de revelar conjugações específicas de forças políticas, de encontros culturais, de disputas de poder, de relações de gênero, de estatuto e de raça, valorizando principalmente as agências individuais e coletivas nas situações estudadas.

Abre a revista um artigo sobre a história da formação de um Estado africano, o seguinte versa sobre idiomas e formação da nação indonésia e o terceiro sobre relatos medievais de viagens. Após estes três artigos, temos um conjunto de quatro que versa sobre escravidão no Brasil, e ainda outro, próximo em suas preocupações, que se debruça sobre a classificação racial entre o séculos XVIII e XIX. Para finalizar, temos dois artigos sobre capoeira no século dezenove, Num total de dez artigos, os três primeiros artigos referem-se a campos empíricos situados na África e na Ásia, os títulos seguintes versam sobre a escravidão e suas heranças sociais e culturais no Brasil.

O artigo sobre o Estado africano Kaabu, de Carlos Lopes possui uma configuração específica. Na descrição do que teria sido este Estado, situado no Sudão Ocidental, o autor se serve do que podemos, talvez, designar através da expressão « descrições abstratas ». Nestas, o uso de conceitos, de informações históricas pouco precisas e de considerações de ordens diversas se entrelaçam num texto difícil de acompanhar. Talvez o texto mais ambicioso em termos de trabalho analítico e resultados de pesquisa seja « Bagasa Persatuan : Idioma e Nação na Indonésia Colonial (1915-1950) » de Fernando Rosa Ribeiro. Trata-se de uma apresentação histórica complexa da relação entre pluralismo linguístico e formação do estado-nação. Rosa Ribeiro busca novas pistas interpretativas para a compreender os caminhos da construção nacional por intermédio dos projetos linguísticos no arquipélago, inicialmente colônia holandesa, que apresentava 731 idiomas. As razões para implementar, fazer desaparecer, valorizar uma língua ou um conjunto de línguas aparecem relacionadas as suas muitas funções simbólicas, pragmáticas e políticas, também reveladoras dos antagonismos que permearam os conflitos locais e supra-locais. O dualismo, algo simplificado que oporia as línguas nativas à língua do colonizador é indiretamente criticado em prol de uma interpretação em que as modalidades específicas do colonialismo e da história locais ganham

relevância. O texto de Maria Cândida Ferreira de Almeida sobre relatos de viagens busca, com sucesso, explorar as muitas dimensões que nestes se inscrevem, nos quais o religioso e o ficcional se misturam nas narrativas dos trajetos e das trajetórias de Marco Polo e Ibn Batuta.

Buscando discutir as interpretações correntes sobre os sistemas de classificação racial no Brasil, que de modo geral privilegiam o período pós-abolição, Jocélio dos Santos se debruça sobre as classificações das crianças levadas à Roda dos Expostos entre 1763-1871, em Salvador, Bahia para demonstrar, através de uma análise fina sobre as identificações registradas sobre as crianças, os limites de uma generalização baseada neste recorte pós-abolição. No grupo de artigos sobre a escravidão no Brasil, o que se mostra efetivamente interessante é a valorização de movimentos de resistência à ordem escravocrata, no plano coletivo e individual. A saga da família da crioula Maria que fugiu com toda a sua família para viver como livre no sertão, estudado por Elizângela Oliveira Ferreira e o caso de Delindra Maria de Pinho, «uma preta forra» no Recife, que lutou judicialmente contra um branco que havia roubado seus bens, apresentado por Maciel Henrique Silva, destacam a importância de certos valores culturais e morais impulsionando as atitudes de resistência. Ao por em relevo estas dimensões os autores afirmam um olhar renovador para os estudos sobre a escravidão neste país. No primeiro caso, a autora ressalta o papel da solidariedade familiar, parte estruturante dos projetos de fuga coletiva, apontados, aliás, como raros e também pouco estudados. E, no segundo caso, o artigo ao discorrer sobre a saga de Delindra, elabora um perfil feminino que abarcaria um certo segmento de mulheres, mulheres vendeiras, «da rua», para as quais o valor concedido à honra e à autonomia orienta seus comportamentos. No mesmo diapasão, Maximiliano Menz apresenta uma análise detalhada de uma história de conflitos múltiplos que atravessaram a história de uma empresa escravista, a «Real Feitoria do Linho Cânhamo», no Recife colonial em que os escravos conseguiram derrotar sucessivos feitores favorecidos pelo enraizamento local e familiar de que dispunham em contraposição à ignorância que os vários feitores, provenientes da metrópole, tinham da ordem política local.

Algumas dificuldades que encontramos em alguns artigos deste conjunto provém, no meu modo de entender, de uma relativa timidez que os impede de avançar mais em suas próprias hipóteses. Em certa medida é que acontece com alguns dos estudos sobre a escravidão que mencionamos. Uma relativa dispersão de dados fragiliza os argumentos desenvolvidos no artigo «O trabalho de crianças escravas na cidade de Salvador 1850-1888», de Maria Cristina Luz Pinheiro e também os textos sobre a capoeira, onde se ressalta a associação da prática da capoeira com a política em diferentes momentos e lugares da nascente República no Brasil.

A contribuição maior deste número reside, a meu ver, nos estudos de caso que fazem aparecer como relevantes e pertinentes descrições da vida social que se encontram imersas nas suas pequenas e infinitas modulações, para além das grandes tendências históricas já conhecidas e, algumas vezes, em contraposição a estas.

Janeiro de 2008, Patricia Birman